

A SOCIEDADE CARIOCA DA *BELLE ÉPOQUE* NAS PÁGINAS DO *FON-FON!*

Maria Cecília ZANON*

Resumo: A revista *Fon-Fon!*, periódico que circulou na primeira metade do século XX, é um importante documento no que concerne ao registro da vida socio-cultural do Brasil durante a *Belle Époque*. O periódico espelhava o esnobismo carioca, fazia crítica, apresentava flagrantes e tipos do *set* da cidade, com muitas fotografias, ilustrações, literatura e excelentes charges políticas e sociais da sociedade do Rio de Janeiro. Este estudo visa mostrar a importância que esse periódico ocupou na representação do caráter da elite carioca da *Belle Époque*.

Palavras-chave: Revista *Fon-Fon!*; belle-époque; influência sócio-cultural francesa.

THE CARIOCA SOCIETY OF THE *BELLE ÉPOQUE* ON THE PAGES OF *FON-FON!* MAGAZINE

Abstract: The *Fon-Fon!* Magazine, periodic that circulated in the first half of XX century, it is an important document with respect to the register of the sociocultural life of Brazil during the *Belle Époque*. The periodic showed the Carioca snobbish, made criticism, presented instants and types of the set of the city, with many photographs, excellent illustrations, literature and social charges, political charges of the society of Rio de Janeiro. This study it aims at to show the importance that this periodic charges occupied in the representation of the character of the Carioca elite of the *Belle Époque*

Key words: *Fon-Fon!* Magazine; belle époque; french sociocultural influence.

O *Fon-Fon!*, revista simbolista publicada nas primeiras décadas do século XX, é um importante documento sobre a vida socio-cultural do Brasil, no período inaugurado pela Abolição e pela República. O *Fon-Fon!*, uma das melhores revistas ilustradas da época, retratava a vida privada brasileira, refletia a visão de mundo da sociedade burguesa do início daquele século e influenciava o comportamento da elite carioca por meio de seus registros cômicos.

A Revista *Fon-Fon!* surgiu numa fase de grande mudança na imprensa brasileira, quando, nos fins do século XIX, a imprensa artesanal foi substituída pela

* Maria Cecília Zanon é Doutora do Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Assis/SP – Brasil – E-mail: [mzczanon@uol.com.br](mailto:mczanon@uol.com.br)

industrial. Ela se aproximava, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa, estampando o esnobismo carioca e tecendo críticas na descrição da elite do Rio de Janeiro ¹.

O *Fon-Fon!* circulou de 13 de abril de 1907 a 28 de dezembro de 1945 e era um “semanário alegre, político, crítico e esfusiante, noticiário avariado, telegraphia sem arame, chronica epidemica”, conforme ele se apresentava.



Fig. 1 - *Fon-Fon!*, 13/04/1907

Foi um periódico de grande penetração popular que faria também dos registros cômicos, dos *potins*, das fotografias de casamento ou piquenique, um de seus principais instrumentos de sucesso ².

O grupo fundador era integrado pelos simbolistas Lima Campos, Gonzaga Duque e Mário Pederneiras, – que o dirigiram até 1914. Álvaro Moreyra e Hermes Fontes dirigiram-no posteriormente. Os ilustradores eram o que o país conhecia de melhor: Raul Calixto e J. Carlos, na primeira fase; Correia Dias, na segunda. Em 1910 ,apareceram Emílio Cardoso Aires e Nair de Tefé, que assinava *Rian* – Nair grafada de trás para diante, – a primeira mulher a fazer no Brasil – e talvez no mundo – ilustrações e charges ³.

Lima Barreto, o futuro criador de Policarpo Quaresma, também colaborou no *Fon-Fon!* com o pseudônimo de Philéas Fogg e S. Holmes, mas não se adaptou ao tipo de literatura que lá predominava ⁴.

Ao longo do século XIX, as revistas ilustradas tornaram-se moda e, sobretudo, ditavam tendências conforme o modelo dos periódicos europeus, no qual o *Fon-Fon!* se inspirou. A inserção desse modismo reitera a tradição do país de transplantes precipitados, por vezes anacrônicos, o que reforça o caráter de busca de

nossa modernidade por meio de fantasias, miragens e sonhos e não da realidade social⁵.



Fig. 2 *Fon-Fon!*, Modernismo, 02/05/1908

A publicação encarregava-se de oferecer, em primeira mão, as últimas novidades de Paris, o maior centro de elegância do mundo, em matéria de modas femininas e infantis⁶, além de proporcionar boa literatura e excelentes charges políticas e sociais, na representação dos pequenos-burgueses, dos cavalheiros de fraque, das damas elegantes e pomposas, e de todo tipo de rapaz saturado de pretensão e de esnobismo⁷.

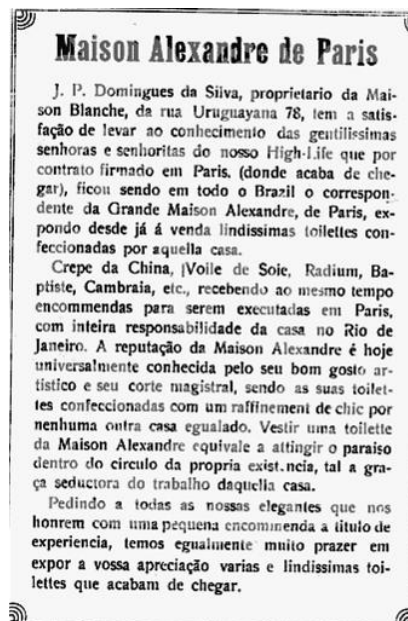


Fig. 3 *Fon-Fon!*, Publicidade, 18/01/1908

O periódico focalizava, sobretudo, a moda, os estilos e as mudanças da vida social carioca, constituindo-se assim em um importante documento, um referencial para pesquisas e para compreender as relações comportamentais da sociedade da época, como se vê no trecho que segue:

“Este frequenta o Lyrico; assiste aos espectáculos da divina Duse e aspira pela chegada do Coquelin que... pelo menos fala francez, que é lingua que todos nós comprehendemos”.
(*Fon-Fon!*, Espectadores, 10/08/1907)

As revistas ilustradas apareceram na fase em que imprensa e literatura se confundiam e, na tentativa de estabelecer a separação entre as duas atividades, submeteram-se, inicialmente, ao domínio da alienação cultural então vigente, buscando emancipar-se depois, ao se tornarem mundanas ou femininas umas, e principalmente críticas outras. A arte da caricatura, que teve grandes nomes, nessa época, a praticá-la, deu-lhes sentido, conteúdo, qualidade de execução e forma insuperáveis⁸.



Fig. 4 - *Fon-Fon!*, Modernismo, 21/04/1907

Assim, da maneira irônica, cômica ou lírica das crônicas, o *Fon-Fon!*, ao descrever a vida mundana carioca, as notas sociais, a euforia da *Belle Époque* no Rio, contribuiu para documentar esse período tão instigante da história do Brasil, por meio da apresentação de uma sociedade de pequenos-burgueses, cavalheiros de fraque, damas elegantes e pomposas, todo tipo de rapaz saturado de pretensão e de esnobismo⁹, como se vê na publicidade a seguir:

*“Mme. Margaine Boisier nouvellement arrivée de Paris, où elle a très sérieusement étudié l’embellissement de la peau et cicatrices, répondra avec toute discrétion, par la poste, à toute lettre chargée de 5\$000 pour la première consultation e 3\$000 pour les suivantes; chaque consultation donne droit à 2 recettes garanties.
Lettres fermées à l’adresse: 7, Rua de S. Carlos. Estacio de Sá”. (Fon-Fon!, Publicidade, 22/08/1908)*

Era também preocupação das revistas elucidar os fatos políticos dessa época. No momento inicial do novo regime político, aproximadamente de 1900 a 1920, os registros cômicos constituíram uma das formas de relatar as mudanças pelas quais passava o Brasil, que então se firmava como nação. Buscava-se retratar o comportamento da elite carioca, notadamente francófila e francófona e representar a

República e as condições de possibilidade das vivências e das sociabilidades cotidianas no país ¹⁰.

Essa questão da identidade e dos símbolos que representariam a República também foi submetida ao julgamento dos leitores do *Fon-Fon!*, dentro de uma perspectiva crítica e humorística. Em 1908, a revista de nº 46 veiculou um debate sobre qual seria a melhor representação caricatural do Brasil, tendo como ponto de partida uma carta de Deodato Maia. Nela, o jurista declara sua recusa em relação à figura do índio, criada por Angelo Agostini, no Império, justificando que ela não era mais a imagem representativa da “civilização”. Aproveitando o ensejo, o *Fon-Fon!* publica, em edital, uma declaração semelhante, desta vez, do caricaturista Calixto:

A representação caricatural do Brasil

O Sr. Dr. Deodato Maia, em carta dirigida ao nosso amado companheiro Dr. Mario Bhering, arremete contra o caboclo que, em geral, na caricatura, representa o Brasil; considera que cada caricaturista encarna a seu modo o typo nacional; diz que um povo culto qual o nosso deve ter uma representação unica e positiva; lembra as figuras symbolicas de Tio Sam e Jhonn Bull; e pede a *Fon-Fon* que abra um concurso, nomeie uma comissão julgadora e faça adoptar o symbolo vencedor.

Antes do Sr. Dr. Deodato Maia, muito antes, o nosso estimado Calixto, n'uma carta ao nosso companheiro Leal de Souza, levantara essa idéa e lançara as bases para a sua realisação. Dizia, então, o Calixto:

“Ha muito tempo discuto com os meus amigos e collegas a representação caricatural do Brazil, pois considero que não é mais acceitavel a figura com que até agora o temos representado...

“E' sabido o nosso desenvolvimento progressivo diante das outras nações, portanto que de ha muito deixamos na taba dos velhos caciques nossos avós, o cocar, a tanga e o tacape que muito nos atrapalhavam na dansa guerreira do progresso. Não é mais a inubia que sóa, como outr'ora, num uivo de condemnado entroncado ao archaico. E sim a polida e auriluzente trombeta da gloria que nos annuncia vencedores na raia onde correm todas as nações e onde cada victoria é um marco e cada um marco uma victoria.

“A-sim, penso eu, não devemos mais atirar em meio das outras nações vestidas o nosso botocudo envergonhado e nú do passado, tendo na mão o arco ou tacape, emquanto os circumstantes se apresentam com aperfeiçoados Schmit and Wesson ou canhão tiro rapido...

Fig. 5 - *Fon-Fon!*, Editorial, 22/02/1908

Apesar do aspecto irônico, percebe-se, nesse gesto, a preocupação da revista de afirmar uma identidade única e consensual do brasileiro e rejeitar, de certa forma, a importação dos símbolos do Velho Mundo.

As reformas urbanas do Rio de Janeiro empreendidas por Pereira Passos, entre 1903 e 1906 – inspiradas nas reformas de Haussmann em Paris – conferiam aspectos parisienses à capital da República. Com essas mudanças, além de remodelar o centro da cidade, emprestar ao Rio uma fisionomia de cidade européia, o prefeito

almejava, igualmente a reestruturação dos hábitos sociais, sobretudo no que diz respeito à importância dada ao consumo.

“A vida nocturna duplicou, triplicou. As *terrasses* dos cafés regorgitavam, surgiram os cinematographos e a onda de apreciadores, o Rio scintillava, a Avenida Central ia tomando as apparencias de um ‘*boulevard*’ parisiense, cheio de lus e de gente”. (*Fon-Fon!*, Retrocesso!, 11/04/1908)

No Brasil, a *Belle Époque* iniciou-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e com a recuperação da tranquilidade sob o amparo das elites regionais.

O que propiciou a estabilidade e o clima de tranquilidade foi a situação da moeda brasileira, forte graças à exportação de café. Era comum, então, que os ricos proprietários de terras não hesitassem em ir a Paris com suas famílias para longas estadas e lá os brasileiros se achavam em harmonia com o clima de euforia que caracterizou a *Belle Époque*¹¹.

As conseqüências da ascensão dessa nova elite transformaram os quadros sociais do Brasil, provocando sensíveis mudanças na sociedade e cultura tradicionais do país.

Prova dessa modernização aspirada pela elite em ascensão é a transformação da capital do Rio de Janeiro em uma vitrine do regime republicano, onde os grupos populares e costumes tradicionais foram reprimidos, e a cidade assumiu ares europeizados, uma Paris tropical¹². Lê-se, assim, na Revista *Fon-Fon!*:

“No largo da Carioca a gente vê um canto de Paris actual, na estação Central, Paris de 1830”. (*Fon-Fon!*, A proposito, 01/06/1907)

A idéia dessas novas elites era a de promover uma industrialização imediata e a modernização do país a qualquer preço e o resultado foi o fluxo inédito de penetração de capitais ingleses e americanos¹³.

O grande objetivo dessa classe era o de “civilizar” o Rio. Importavam-se e adquiriam-se mercadorias estrangeiras, e, assim como as práticas culturais aristocráticas franco-inglesas, elas serviam para legitimar e reforçar a superioridade e distinção da elite carioca, que buscava sua identificação na moderna cultura européia

¹⁴. Compravam-se objetos cujo valor consistia não no que eles eram em si, mas no que representavam socialmente, garantindo-se, assim, o ingresso na aristocracia ¹⁵.

A imitação dos modelos europeus chegava a ponto de serem reprimidas as festas tradicionais e os hábitos populares que congregavam gentes dos arrabaldes. Até mesmo o Carnaval deixava de ser o do entrudo, dos blocos, das máscaras e dos sambas populares, e passava a ser o dos corsos de carros abertos, das batalhas de flores e dos pierrôs e colombinas bem-comportados, típicos do Carnaval de Veneza, tal como era imitado em Paris ¹⁶. Assim vemos nesses exemplos do Fon-Fon!:

“A Gazeta de Notícias, á qual a população deve o Corso e outras diversões elegantes em determinados dias esta malhando para que seja festejada entre nós a *Mi-Carême* e já fixou a data em 4 de abril vindouro.

Todos os nossos leitores sabem que a *Mi-Carême* constitue em Paris, uma das manifestações mais sympathicas”. (*Fon-Fon!*, *Mi-Carême*, 11/04/1908)

“O Dr. Eduardo França (...) guiando seu automovel, no *Corso da Praia de Botafogo*, com o mesmo garbo e serenidade com que o guiou no *Corso de Milão!*”. (*Fon-Fon!*, *Rio em Flagrante*, 06/06/1908)

“Estréa hoje, no *Pallace-Theatre*, a Companhia italiana de comedias, *vaudevilles* e ‘*pochades*’, sob a direcção do ator Vergani.

Provavelmente em Agosto, no mesmo palco, teremos os *calembourgs* e as pilherias esfusiantes de uma *troupe francesa*”. (*Fon-Fon!*, *Vida Astistica*, 18/04/1908);

Diante do prestígio da França, então no apogeu, a classe dominante brasileira decide transportar para os trópicos o mesmo clima de euforia, civilidade e modernidade da grande metrópole; portanto, não seria de admirar que vivêssemos, vestíssemos e escrevêssemos pelas receitas parisienses. A sugestão de Paris sobre o mundo europeu e ocidental era igualmente bastante poderosa, nessa época, tornando-se, assim, o centro de atração da humanidade, o maior empório de prazer do planeta. “Auferir da existência tudo quanto ela nos podia dar de belo e de bom, era uma receita que então só se aviava no bulevar.” ¹⁷

As descrições da época trazem referências ao costume dos republicanos brasileiros de cantarem o hino francês, a Marselhesa, e de representarem a República com o barrete frígio – forte símbolo dos republicanos franceses que lutaram pela

tomada e queda da Bastilha em 1789 – entre outros símbolos como atitude importante na legitimação do recente regime ¹⁸.

Vale informar que os republicanos não tinham hino próprio e cantavam a Marselhesa em todas as manifestações e a data do 14 de julho era aproveitada para cantar livremente o hino libertário e combater a Monarquia ¹⁹.

Para ilustrar a questão das referências francesas na República Brasileira, vale conhecer uma pequena nota humorística da Revista *Fon-Fon!* de 04/05/1907, as *Semeuses... nacionaes*. Nela, o cronista satiriza a aspiração do então Ministro da fazenda, Dr. David Campista, de cunhar as moedas brasileiras nos moldes das moedas francesas. A *Semeuse* de Roty é um dos símbolos mais fortes da França e de sua moeda.

“S. Ex. sonha para as nossas moedas, um emblema fino delicado, espressivo e artistico. Ah! se fosse dado descobrir uma cousa assim como essa deliciosa *semeuse* que Terni gravou nas moedas francezas e que hoje já figura nos sellos desse amado paiz...

cada *semeuse* symbolisaria uma funcção social

modelo 1 – *Semeuse... d'enfants*

modelo 2 – *Semeuse... d'élégances*

modelo 3 – *Semeuse...d'oeufs*

modelo 4 – *Semeuse...dernier batteau*

modelo 5 – *Semeuse... de lois*

modelo 6 – *Semeuse... d'étoiles*

modelo 7 – *Semeuse... d'amours*

modelo 8 – *Semeuse d'art et critique litteraire*

modelo 9 – *SEMEUSE... DE SEMEUSES*

modelo 10 – *Semeuse... de bon café*

modelo 11 – *Semeuse... d'argent*

modelo 12– *Semeuse... de flatteries*”. (*Fon-Fon!*,*Semeuses...nacionaes*, 04/ 05/1907)

Diante do rejuvenecimento da capital da República, “O Rio civiliza-se” era a frase mais repetida nas ruas, nos salões e colunas mundanas depois que Figueiredo Pimentel introduziu esse *slogan* pela primeira vez em sua coluna “Binóculo”, na *Gazeta de Notícias*. Civilizar-se era modernizar-se e comparar-se a Paris do início do século XX.

No começo do século, a crescente valorização das letras e a espécie de aliança que elas fizeram com o mundanismo contribuíram para que surgissem alguns salões de caráter notadamente literário ²⁰.

Os salões da *Belle Époque* caracterizavam-se como um teatro de variedades cuja programação consistia na declamação de poesias, na execução de peças musicais e de canções, entremeadas de contatos, conversas e formas requintadas de consumo, onde eram apreciadas as novidades parisienses ²¹.

Mas o que aguçava o desejo dos intelectuais brasileiros, sobretudo os simbolistas, era um cabaré como o “*Chat Noir*” – o mais famoso dos cabarés parisienses do fim de século XIX, onde resplandecia o *esprit montmartrois*. Nossos intelectuais almejavam um ambiente propício onde pudessem se reunir, em torno do absinto, a exemplo dos artistas, poetas, e intelectuais franceses, amantes do prazer, desdenhosos da vulgaridade ²².

O exemplo a seguir, da Revista *Fon-Fon!*, com seu toque de humor, anuncia as mudanças e aquisições da cidade do Rio, e comenta a abertura do “*Chat Noir*”.

“*O Rio civilisa-se!* Eis a exclamação que irrompe de todos os peitos cariocas.

Temos a Avenida Central, a Avenida Beira Mar (os nossos *Campos Elyseos*) etatuas em toda a parte, cafés e confeitarias com *terrasses*, o *Corso* das quartas-feiras, um assassinato por dia, um escandalo por semana, cartomantes, *mediums*, automoveis, *autobus*, auto...res dramaticos, *grand monde*, *demi monde*, emfim todos os apetrechos das grandes capitaes.

Faltava-nos o *cabaret*. Já o temos, e com o novissimo nome de *Chat Noir* que é bom não confundir com chá preto”. (*Fon-Fon!*, *Chat Noir*, 18/01/1908)

A elite carioca circulava pelo Rio recém-reformado, deslumbrada com a Europa, envergonhada do Brasil, em particular do Brasil pobre e negro. Para oferecer um quadro favorável à visão do estrangeiro de um Brasil branco, europeizado, civilizado e moderno, o prefeito Pereira Passos procurava incentivar os espetáculos mundanos ²³.

ARMAZEM DO PARC-ROYAL

Officina Modelo de Tailleur de Dames

Acaba de ser montada esta officina sob a direcção de um artista de primeira ordem e com pessoal habilitadissimo. Vestidos feitos e por medida. Modelos inéditos e exclusivos do Parc-Royal. A organização desta novo Tailleur sendo a mais completa possível, autorisamos a garantir as nossas Clientes a perfeição absoluta dos trabalhos e a extrema modicidade dos preços, systema habitual da casa. Exposição dos modelos novos, nas vitrines da Secção da Avenida.



Fig. 6 - Fon-Fon!, Publicidade, 02/05/1908

O Rio transformou-se no cartão-postal da República. Adotou o espírito francês da *Belle Époque*. Era importante comportar-se como um aristocrata europeu, pois tudo o que destoava deste quadro era repellido pela sociedade. Para tanto, fazia-se necessário “civilizar” o Rio; identificar-se com a aristocracia européia, com o claro intuito de legitimar sua condição de superioridade; falar francês, consumir a moda, a literatura, as artes, a cultura, freqüentar *soirées* e *bal masqués* promovidos pelas *bien nées* da elite carioca; vestir-se como os aristocratas e os dândis, consumir mercadorias de luxo, enfim, ser “civilizado”²⁴. Esse aspecto também está registrado no *Fon-Fon!*:

“Impamos de orgulho com a sua rapida Civilização. Acreditamo-nos uma cidade *hors-pair*, conhecedora de todos os ‘detalhes’ da vida mundana e elegante”. (FF18.II – Efeitos da Exposição)

“Na ‘*soirée blanche*’, realisada, ha poucos dias em um dos mais elegantes palacetes da rua Senador Vergueiro, foi muito apreciado o lustro irreprehensivel da camisa do jovem medico”. (FF11.II – Notas mundanas)

No que concerne à educação, é interessante lembrar que o ensino, na *Belle Époque*, seguia padrões europocêntricos. Os mestres eram em geral de origem ou de

influência francesa, estudava-se em textos franceses ou traduzidos deste idioma, presumia-se que o objetivo era adquirir a cultura européia. Levando-se em conta a origem de grande parte das escolas, dos professores e dos textos didáticos, conclui-se que a instrução seguia a receita da França da Restauração: humanista, conservadora e católica²⁵.

Os pais queriam que suas filhas fossem educadas como as meninas da nobreza francesa e eram reconhecidas por seu francês perfeito, maneiras refinadas, formação em literatura clássica e apropriada submissão à autoridade.²⁶

Os trechos a seguir, extraídos do *Fon-Fon!*, dão-nos um exemplo do estereótipo da moça bem educada da *Belle Époque*, o que comprova o viés crítico da Revista com relação às idiossincrasias da época:

“Primorosamente educada, possuindo solida instrucción, pode manter a mais variada e attrahente palestra e ao ouvir a a fallar tão correctamente, com tanto chiste a lingua franceza, não se sabe se nasceu no Brasil ou bem na patria dos mais ladinos dos latinos.

Tem o espirito, o *á propos*” da parisiense, o seu privilegiado gosto pela *toilette*.

E nos salões onde se reúne o *Tout-Rio* da mais requintada mundialidade, as conversas cessam, os *potins* interrompem-se para ouvi-la”. (*Fon-Fon!*, Esbocetos, 18/01/1908)

“Estatura regular, *‘potelée’*, busto opulento. Falla francez como a mais graciosa parisiense dos aristocraticos *quartiers* (...)” (*Fon-Fon!*, Esbocetos, 18/04/08)

A classe endinheirada brasileira dessa época, altamente urbanizada, sedenta de modelos de prestígio e em busca de uma identificação, nutria, então, o “desejo de ser estrangeiro” ao falar francês, freqüentar salões e cabarés.

“E como se não bastassem o conforto dos salões a illuminação feerica, o esplendido parque e todos os outros encantos, ainda ha o *‘cabaret’*, durante o qual ouve-se o mais picante repertorio interpretado pelas melhores *chanteuses*”. (*Fon-Fon!*, Caixa de gazolina, 20/06/ 1908)

“O Rio de Janeiro que recebe a visita de tantos artistas e de generos tão diversos, desde a estrella mundial no drama e na comedia, cantores celebres até a *‘chanteuse gommeuse’*, raramente (...) não apresentava ao publico um monolinguista”. (*Fon-Fon!*, A Vida Artistica, 14/12/ 1907)

O periódico também tratou da questão das penetrações lexicais estrangeiras. Por meio da visão crítica e bem humorada, diante do uso de estrangeirismos entre dois jornalistas do início do século XX, o *Fon-Fon!* relata a familiaridade que tinham com o inglês e o francês e, conseqüentemente, os leitores do jornal:

“Trecho do diálogo entre João do Rio e V. do Paiz:
Tea-grown fashionable team shoot?
Auto-bus capot derniers ressorts...
Five ó clock jupon up to date!!!
Royal Haubigant...
Yess”. (*Fon-Fon!*, O Meu Carnaval, 13/04/1907)

Como a língua francesa era muito conhecida na virada do século XX, a *Fon-Fon!* publicava uma seção, *Frimousses et Binettes*, assinada por *Chambrenoir* (pseudônimo de um de seus cronistas), inteiramente escrita em francês.

“Toute mince, maigrette, frétilante, allure garçonnière, souriante et croustillante.
Déborde sur la scène, sautille par-ci, par là, se trémousse, gigote, roule les hanches, jette le buste en arrière, se tortille et emballe le public.
Est italienne, mais a accepté la grande naturalisation du *maxixe*. Pas la *matchiche* à la française, le *maxixe* national, le vra, l’unique, le frénétique *maxixe* qui vous laisse em compote.
Elle le danse d’une façon épatante, c’est son cheval de bataille, c’est sa gloire, son triomphe, *linot...te* au joli plumage et au gai bavardage”. (*Fon-Fon!*, *Frimousses et Binettes*, 25/05/1907.)

Como se pode observar nos exemplos colhidos, o emprego de galicismos foi bastante fecundo e o periódico tratou também desse assunto que tanto perturbava nossos estudiosos. Essa questão possibilita-nos documentar a fascinação que a cultura francesa exercia sobre os brasileiros naquele período. Assim, o imitador, ao empregar um galicismo, adquiria prestígio e projetava-se como um indivíduo na sociedade mundana, revelando seu caráter histórico e moral.

“O Gastão de Roure, de volta do Senado, *toujours bien mis*, o *bijou* dos tachygraphos; o corpulento Haddock Lobo, sempre cheio de *verve*, imitando os ‘*cabots*’ de café-

concerto e fallando os francez como o mais chistoso *parigot*”. (*Fon-Fon!*, Na Calçada, 25/07/19008)

Certamente, a moda era falar francês, mas a revista não poderia deixar de ridicularizar a atitude daqueles que buscavam a todo custo estar afinados com as novidades da época. Neste segmento, podemos verificar a surpreendente tradução, do português para o francês, palavra por palavra, de alguns provérbios de um aprendiz da língua francesa:

“O Anastácio começou a aprender francez.
Porque, diz-elle, quem não sabe francez, nada sabe (...)
Ora o francez está subindo de cotação depois da visita de M. Turot.
O Anastácio começou a aprender o francez pelo systema Berlitz, estuda em casa.
Mas pelo sim, pelo não uma tarde dessas fui visital-o Achei-o engolfado no estudo. Mostrou-me seus exercicios. Peguei uma folha ao acaso e li:
De lenteur on va loin.
Eau molle en pierre dure tanta bat jusque la fure.
Le macaque ne voit pas sa queue. [...]
Mieux vaut un passare dans les mains que deux volants. [...]
Plus fait qui Dieu ajude que qui cede madrugue.
Je ne tombe de cavalle maigre.
E assim por deante”. (*Fon-Fon!*, O Systema Berlitz, 17/08/1907)

O galicismo, amplamente empregado, suscitava, às vezes, a reação dos puristas em defesa da língua portuguesa e, após algumas reflexões permeadas de humor acerca do fato, o *Fon-Fon!* oferece aos leitores algumas propostas de tradução ou equivalentes na língua portuguesa para os intrusos estrangeiros:

“Velharia ou novidade, o caso é que os inimigos do *galicismo* bramam contra a palavra *Mi-Careme* e batem os pés exigindo outra genuinamente brasileira. [...]
Opino, pois, com todo o peso dos meus conhecimentos (na roda *smart*) que tendo a palavra *Carnaval* para os trez dias de maluquices, formemos simplificando as cousas a *Quaresmal*, para o único e novo dia de folguedos.
O *Quaresmal!* Não sôa mal!” (*Fon-Fon!*, 04/04/1908)

“Mal surgiu a idéia de se adoptar a usança estrangeira dos festejos da *Mi-Carême* e logo os fervorosos defensores da pureza da lingua clamaram, não contra a idéia, mas contra a

palavra *Mi-Carême*, dizem elles, é uma palavra franceza que vem estropiar ainda mais a nossa lingua, e logo os eruditos desarrumaram a velharia dos alfarrabios a procura do termo que equivallesse a linda expressão franceza [...] Depois de desarrumar toda a sua longa bibliotheca de dictionarios, depois de queimar e requeimar as ultimas pestanas que lhe restam no estudo dos classicos, *Fon-Fon* vem propôr que a nova festa annual se intitule *Semi-Carême* ou mesmo *Meia Quaresma*, pois assim ficam empregados os dous termos, sem desaire para qualquer das linguas mães”. (*Fon-Fon!*, 11/04/1908)

Não passou despercebida a inelegância contra a pureza da nossa língua. Esta se via depreciada em razão do abuso dos estrangeirismos que proliferavam. O desdém a essa febre de mundanismo presente no Rio de Janeiro só fez aguçar o caráter humorístico da revista, que procede a um *mea culpa*, satirizando, assim, os puristas preocupados com a boa linguagem. A exemplo dos filólogos, inconformados com a invasão estrangeira, novamente a revista vai propor equivalentes vernáculos para as palavras alógenas:

“Os elegantes chronistas do mundanismo carioca, na faina de bem orientar a nossa vida chic, andam a estragar a pureza da nossa lingua, enchertando-lhe desnecessarios termos francezes e inglezes que, no seu parecer são os unicos que podem dar idéa exacta do que desejam esprimir. [...]

Não há dia em que os chronistas elegantes não empregam as expressões: *smart* e *up-to-date* para a significação de um individuo chic ou de uma festa elegante.

Fon-Fon depois de muitos estudos conscienciosos e apurados, teve a felicidade de descobrir duas expressões absolutamente nacionaes que podem substituir perfeitamente esses termos.

Na giria popular quando se quer dizer que um individuo tem aspecto diplomatico de elegancia, ou traz faro de civilizado, emprega-se vulgarmente a expressão *mettido a sebo*. [...]

Tratando-se das representantes do sexo que constitue a nossa eterna tentação, diz-se vulgarmente para significar a elegancia feminina que “fulana está muito serilepes”. [...]

Ahi ficam as duas originalissimas expressões propostas por *Fon-Fon*, que as entrega a protecção de Figueiredo Pimentel, Luiz Edmundo e Paulo Barreto, tres representantes do que ha de mais *mettido a sebo* no nosso mundanismo”. (*Fon-Fon!*, Em Bom Portuguez, 11/04/1908)

A influência francesa na moda se faz sentir com destaque. As camisas para homens eram importadas da França, assim como os perfumes e os chapéus, as

coqueluches do momento. Estavam na moda, para as mulheres, os grandes chapéus de palha e os chamados chapéus cloche. Muitos outros vinham de Paris e eram sempre batizados com nomes estrangeiros: Empire, Rembrandt, Sainsborough, Lambelle. “A civilização era, também, matéria de consumo.”²⁷



Fig. 7 - *Fon-Fon!*, A Liga contra o Feio, 22/02/1908

Vale conhecer este excerto da revista, sempre em tom de ironia e até deboche, que traz a descrição do vestuário feminino da *Belle Époque*:

“Algumas *toilettes*:

Mme V.P. – *Jupe trotteuse en drap bleu-marin, blouse échanquée á petits plis, en voile religieux.*

Chapeau en paille d'Italie, á la salade de fruits.

Mlle N.O.S. – *Costume tailleur marron clair, revers en soie beige, boutons crystal vert d'émeraude.*

Chapeau demi-saison, 3 plumes, une aile de pigeon, dentelles et rubans”. (*Fon-Fon!*, Na calçada, 11/04/1908)

A euforia dos novos tempos trouxe mudanças também para as mesas e, assim como os salões, as letras e a moda, a sala de jantar também revelava uma aura de sofisticação e refinamento inspirados na cultura européia. Empregava-se *menu* para os cardápios dos banquetes, isso para não falar dos nomes das casas comerciais, das confeitarias e dos restaurantes, cuja monotonia da língua francesa só era interrompida pelo elegante *five o'clock tea*.²⁸

A denominação dos pratos apresenta muitas vezes uma configuração dupla segundo seu lugar de origem. Nas receitas triviais, o nome do prato era descritivo, tal qual *Virado de Feijão com Ovos e Lingüiça* ou então *Frango com Quiabo*. Já nas receitas oferecidas nos jantares solenes, o nome servia para velar o conteúdo e teatralizar de maneira bajulatória a distinção do dono da casa, como *Méro sauce d'Artagnan* ou *Riz au Four à la Kyrial*²⁹.

Assim, lemos no *Fon-Fon!*:

“A Brandés!... Que divina artista!... Chapéo Duchesse d’Abricot, *toilette rose foncé*, capa *fraise*. Tomou um *petit-verre* as 15 ½ chez Castellões e tricotou, com uma graça extraordinária, nos seus alvos e pequenos dentes, dois *petit-fours*, *une demi-douzaine de petites tourtes d’écrevisses* e *ouit* cavacas portuguesas, *avec un tas de fromage Buisson*. Sempre *rieuse!*”. (FF14.II – Pelos sete dias)

“Nunca esquecerei o excelente *menu* desse incomparável banquete! Que deliciosa refeição! A sopa ou antes o *potage* era um velludo! (...) O *relevé de canard* era digno de figurar na mesa dos Deuses? E os *petits-pois*? desmanchavam na boca como um *crème*! Os espargos *sauce mousseline* foram o *clou* dessa parte do banquete. E os doces? aquela *bavaroise glacée aux pralines*, digo a V.Exas.. aqui em segredo, comi duas vezes!”. (FF51 – A visita de Digestão)

E os cronistas da revista também não deixariam de aproveitar a ocasião para fazer troça do emprego excessivo da língua francesa pela sociedade:

“É assim muito commum a gente encontrar nos menus coisas desse genero:

- Maionèze de Omar
- Aricovér
- Foá ó bêco
- Volavan
- Omelete ó finesèrve
- Aristú a ingleza
- Féte de vô ó talharini
- Bife Lapiz
- Poá mangetú
- Dobradinha à la móde
- Babioli a italiana, etc., etc.

Ora, isto é o que se póde chamar uma verdadeira salada... de línguas, para não sahir do assunto.” (*Fon-Fon!*, Confusão de línguas, 03/08/1907)

Vê-se que essa ânsia de estar em contato permanente com a civilização francesa manifesta-se nas produções escritas, tais quais os romances, os jornais e as revistas – como é o caso do *Fon-Fon!*, refletindo o prestígio da civilização francesa, a pressão cultural, o comportamento de uma sociedade que buscava a modernização, a civilidade e, por que não dizer, a aristocratização.

Intentava-se transplantar ao cenário tropical as *soirées*, os *bal-masqués*, os salões, os cabarés, as *flanêries*, - enfim, o *esprit fin-de-siècle* que tanto deslumbrava a elite e a intelectualidade brasileiras.

Essa tentativa de apropriação dos valores europeus resulta da necessidade de adaptação dos conceitos de uma sociedade intelectualmente influente sobre outra, sendo a mídia o veículo responsável pela constatação da transposição e da adoção desses conceitos.

A análise desse tipo de publicação permite-nos avaliar a importância da cultura e da civilização francesa naquele período de formação política da nação, no qual urgia definir-se a cidadania e atestar a evolução social e cultural durante a *Belle Époque*.

Podemos aferir, então, que o exame desses periódicos contribui para elucidar, contar e mesmo testemunhar a história do Brasil do início do século XX. O olhar atento de tais publicações desvela-nos os comportamentos, as atitudes e as idiosincrasias dos atores sociais da época, diante de valores europeus, considerados como modelo pela sociedade brasileira.

Recebido para publicação em abril de 2009.
Aprovado para publicação em abril de 2009.

Notas:

¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 298.

² BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 231.

³ SODRÉ, 1966, p. 316 e 345.

⁴ BROCA, 1960, p. 234.

⁵ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 42.

⁶ BROCA, 1960, p.228.

-
- ⁷ SOUZA, Cláudio Mello. *Impressões do Brasil*. São Paulo: Práxis Artes Gráficas, 1986, p. 76-79.
- ⁸ SODRÉ, 1966, p. 346.
- ⁹ SOUZA, 1986, p.76.
- ¹⁰ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: *História da vida privada no Brasil – 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 297 e 317.
- ¹¹ CARELLI, Mario. Cultures Croisées – Histoire des échanges culturelles entre la France et le Brésil de la Découverte aux temps modernes. Condé-sur-Noireau: Nathan, 1993, p. 153.
- ¹² SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da vida privada no Brasil – 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 21.
- ¹³ SEVCENKO, 1998, p. 15.
- ¹⁴ NEEDELL, J.D. *Belle Époque tropical – Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 184.
- ¹⁵ NEEDELL, 1993, p. 188.
- ¹⁶ NEEDELL, 1993, p. 26-7.
- ¹⁷ BROCA, 1960, p. 91.
- ¹⁸ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 9.
- ¹⁹ CARVALHO, 1990, p. 122.
- ²⁰ BROCA, 1960, p. 24.
- ²¹ SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: *História da vida privada no Brasil – 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.501.
- ²² BROCA, 1960, p. 39)
- ²³ BROCA, 1960, p. 4)
- ²⁴ SÜSSEKIND, Flora. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 56-7.
- ²⁵ NEEDELL, 1993, p. 75.
- ²⁶ NEEDELL, 1993, p. 83)
- ²⁷ COSTA, Angela Marques da, SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.69.
- ²⁸ COSTA, SCHWARCZ, 2000, p. 70.
- ²⁹ SCHAPOCHNIK, 1998, p. 505.